



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA EAD

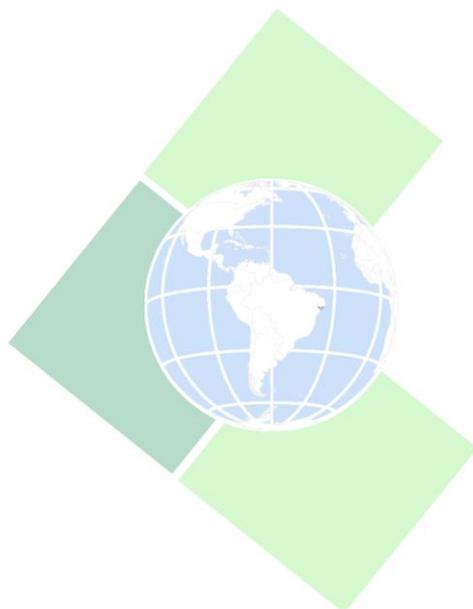
TAMIRES HENRIQUE DOS SANTOS

O USO DE MAPAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS - EJA

PALMEIRA DOS ÍNDIOS
2020



TAMIRES HENRIQUE DOS SANTOS



O USO DE MAPAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS - EJA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Geografia (EaD) do Instituto de Geografia Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal da Alagoas, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Orientador (a): Bruno Ferreira

**PALMEIRA DOS ÍNDIOS
2020**



ATA DE APRESENTAÇÃO/DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 30 dias do mês de novembro de 2020, às 19:00 horas, em sessão pública virtual na sala de teleconferência <https://conferenciaweb.rnp.br/webconf/bruno-ferreira-4>, na presença da Banca Examinadora presidida pelo Professor Orientador **Bruno Ferreira** e composta pelas examinadoras: 01- **Dr. Eduardo Paes Barreto** e 02 – Dra. **Daniela Dantas de Menezes Ribeiro**, foram apresentados os pareceres de avaliação de TCC da discente **Tamires Henrique dos Santos** (Matrícula Ufal nº 14110274), a opção pela adoção de pareceres se justificou devido a discente está grávida, com previsão de nascimento próximo da criança. A condição da discente era muito delicada para que fosse exposta ao estresse da preparação e execução da apresentação de seu TCC. O Trabalho avaliado foi intitulado: O USO DE MAPAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS – EJA, sendo requisito curricular para a integralização do Curso de Licenciatura em Geografia EaD, obteve a nota 8,93 (oito vírgula noventa e três) como resultado final. Informado ainda que o prazo final de entrega do TCC refeito será de até 20 dias após a data de lavragem da presente ata. A discente deverá entregar cópia em arquivo digital com as seguintes identificações: Título do trabalho, nome completo dos autores, cidade polo, e a data de defesa. Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos, tendo sido lavrada a presente ATA pelo Presidente da banca que após lida e aprovada, é assinada pelos professores avaliadores e pela estudante.

Presidente e Orientador

Membro 01

Membro 02

Estudante

Resumo

O Ensino de Geografia deve contribuir com a formação educacional e cidadã do aluno, para isso, deve ser concebido e executado em uma proposta pedagógica ampla e que envolva exemplos do mundo circundante. A Geografia, enquanto disciplina escolar, utiliza-se um amplo leque de instrumentos metodológicos e propostas de ensino aprendizagem, especialmente a utilização de mapas temáticos. Nesse contexto, a Educação de Jovens e Adultos – EJA é uma modalidade do Ensino Público que visa oferecer uma educação de qualidade para as pessoas que, pelos mais variados motivos, não tiveram a oportunidade de cursar o Ensino Regular quando esperado. O papel fundamental da EJA é fornecer subsídios para que os alunos se afirmem como sujeitos ativos, críticos, criativos e democráticos na sociedade. Por isso, o Ensino de Geografia, especialmente na EJA, precisa valorizar os saberes advindos das experiências pessoais e coletivas vivenciadas pelos alunos em suas trajetórias de vida história, o conhecimento e as vivências do aluno devem ser alicerce para a construção do saber.

Palavras-chave: Proposta Pedagógica. Ensino Público. Educação de Qualidade.

Introdução

O Ensino de Geografia para contribuição na formação plena da cidadania do aluno precisa ser construído dentro de uma proposta pedagógica ampla, estando aberta a atividades e técnicas que levem os alunos à discussão, à formação de ideias, deixando de lado a passividade. Através dos fazeres e experimentos executados, o aluno deve passar a entender e a compreender o meio em que vive, bem como, aplicar os conceitos e princípios que embasam as leituras geográficas em seu cotidiano.

Como disciplina da Educação Básica, regular, e das diversas modalidades de ensino, a Geografia na EJA, deve utilizar-se de instrumentos metodológicos e propostas de ensino-aprendizagem que ajudem o aluno a compreender o conteúdo trabalhado em sala de aula de forma mais simples, ou seja, o professor deve utilizar métodos que facilitem a compreensão e construção de saberes e competências pelos alunos.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, resolução CNE/CEB n.º 1/2000, definem a EJA como modalidade da Educação Básica e como direito do cidadão, afastando-se da ideia de compensação e suprimento e assumindo a de reparação e qualificação o que representa uma conquista e um avanço. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB de 1996, em seu art. 37, define que a EJA será destinada àqueles indivíduos que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos Fundamental e Médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida.

No contexto histórico, a EJA, como modalidade de ensino, perpassa por uma série de fatores que resultaram em grandes debates acerca da problemática que envolve seu desenvolvimento e aplicação (LOPES; SOUSA, 2005). Nesse sentido, é preciso que a Sociedade compreenda que alunos da EJA, geralmente, estão expostos a problemas como preconceito, vergonha, discriminação, críticas dentre tantos outros. Por isso o professor da EJA deve compreender a necessidade de respeitar as diferenças culturais, sociais e as identidades, dos seus alunos, caso contrário, o ensino ficará limitado à imposição de um padrão, um modelo pronto e acabado, no qual o aluno vai para a Escola, o professor ministra a aula, porém não faz um diálogo entre o conteúdo e o cotidiano conhecido do aluno.

Diante da diversidade de situações e necessidades encontradas na realidade da EJA é preciso considerar várias possibilidades de seleção de como trabalhar o conteúdo de modo articulado ao conhecimento que o aluno já possui. Dessa forma, ampliar o grau de construção de saberes frente aos conteúdos expostos. Com o enfoque crítico, o professor ensina

colocando em questão os conteúdos dos livros didáticos e procurando ferramentas com as quais ele e seus alunos possam transformar o ensino que praticam e, por finalidade, a sociedade em que vivem a partir dos saberes socialmente construído na prática comunitária, pois “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (FREIRE, 1996, p. 30).

Numa perspectiva mais ampla, ao comentar sobre o Ensino de Geografia, Kaercher (1998, p. 18) afirma que:

O objetivo, no meu ponto de vista, é que através da geografia o aluno entenda melhor o mundo, a sociedade em que vive, seja este mundo-sociedade a sua cidade ou o que ocorre no outro lado do Mundo. (KAERCHER, 1998, p. 18)

Tendo como base a afirmação de Kaercher (1998, p. 18), pode-se elencar que uma educação significativa, com valorização do mundo vivido e experimentado, pode e deve ajudar na construção do conhecimento. Isso mostra que quando se leva em consideração o uso de metodologias de ensino voltadas para a valorização do aluno, mais do que o ato de fazê-los memorizar os conteúdos sem conexão com a realidade deles, o resultado será uma melhor compreensão do mundo à sua volta.

No ensino da EJA, a diversidade em relação ao lugar de origem dos alunos, experiências de vida, diferenças de idade, de valores, de hábitos, de origens sociais e culturais constitui características bastante desafiadoras para o processo ensino aprendizagem. Perceber e fazer uso ativos desses conhecimentos constitui desafio ao docente, nem sempre preparado ao longo de sua trajetória de formação profissional para lidar com tais possibilidades. Para tanto, faz-se necessário esclarecer o que a metodologia de ensino deve envolver teoria e prática e suas interações, como afirma Araújo (1649):

A metodologia de ensino – que envolve os métodos e as técnicas – é teórico-prática, ou seja, ela não pode ser pensada sem a prática, e não pode ser praticada sem ser pensada. De outro modo, a metodologia de ensino estrutura o que pode e precisa ser feito, assumindo, por conseguinte, uma dimensão orientadora e prescritiva quanto ao fazer pedagógico, bem como significa o processo que viabiliza a veiculação dos conteúdos entre o professor e o aluno, quando então manifesta a sua dimensão prática (ARAÚJO, 1649 apud PLOHARSKI, 2011, p. 164).

No processo de construção do conhecimento existem várias formas de estudar o local, compreender o espaço em que se vive, permitindo ao aluno sentir-se inserido nesse espaço, além de proporcionar o entendimento do porquê se faz necessário a realização de análises espaciais, para fornecer informações que visam desenvolver a experimentação

concreta e vivências. Esse processo deve ser construído a partir de ideias claras e inteligíveis, auxiliando o aluno na apreensão do conteúdo no processo ensino aprendizagem.

A Cartografia tem um papel importante na Geografia, pois a partir de seus conceitos básicos e possibilidades de representação é possível grafar e entender o espaço. Isso está de acordo com as citações feitas por Callai (2005) quando a autora afirma que a partir dos conhecimentos cartográficos consegue-se compreender diversos conteúdos relevantes à Geografia, principalmente no tocante aos seus diferentes conceitos-chave, como por exemplo, espaço geográfico, território, região, paisagem e lugar.

A construção e elaboração de mapas, plantas, croquis e maquetes em sala de aula é uma forma de trazer a prática para a sala de aula colaborando para o processo de ensino aprendizagem. Dessa maneira é possível correlacionar à teoria e a prática, buscando fazer com que o aluno vivencie a experiência, e construa seu conhecimento a partir de vivências e experimentações que o ajudem a lhe localizar no mundo e na sociedade.

O presente estudo tem como objetivo compreender e propor a utilização de mapas nas aulas de Geografia na EJA, em uma tentativa de contribuir para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Nesta perspectiva surgiram alguns questionamentos sobre esta modalidade educacional, a respeito de como a prática de ensino é desenvolvida em sala de aula, que me levaram a aprofundar-me mais sobre o tema. Por isso a proposta do presente estudo e sua execução como Trabalho de Conclusão de Curso - TCC.

Nesta perspectiva, apresentará algumas propostas de como trabalhar com mapas em sala de aulas em turmas de EJA, utilizando metodologias que favoreçam o processo de construção de saberes e desenvolvimento de habilidades que possam ajudar os alunos a se localizarem em seus mundos vividos e experimentados.

2. Desenvolvimento

A EJA tem como função social a promoção da inclusão efetiva, emancipatória e democrática, de jovens e adultos na sociedade, proporcionando sua inserção e qualificação no mercado de trabalho, atribuindo aos educandos o papel de sujeitos ativos no processo de construção de conhecimentos no exercício de sua cidadania.

A EJA, quando executada seguindo suas finalidades e cumprindo a Legislação, tem o compromisso com a formação humana e com o acesso à cultura, de modo que os alunos aprimorem sua consciência crítica e adotem atitudes éticas para o desenvolvimento de sua autonomia intelectual. O papel fundamental da EJA é fornecer subsídios para que os alunos se



afirmem como sujeitos ativos, críticos, criativos e democráticos. A educação de jovens e adultos deve voltar-se a uma formação na qual os alunos possam aprender constantemente, refletir de modo crítico, agir com responsabilidade individual e coletiva, acompanhar a dinamicidade das mudanças sociais, enfrentar problemas construindo soluções utilizando os conhecimentos científicos, tecnológicos e sócio-históricos (FREIRE, 1996, p. 30).

Trabalhar com turmas da EJA requer dos professores um olhar mais humanizado, pois as especificidades tais como faixa etária e referências socioculturais do público atendido e contextos próprios desta modalidade de ensino, requerem um entendimento dos sujeitos os quais a EJA atende. Atende-se um público variado, composto por jovens que tiveram que atrasar temporariamente seus estudos e adultos que os interromperam por um longo período. Em comum, temos um aspecto comum perceptível entre eles, à influência do mundo do trabalho na trajetória escolar destes indivíduos. Pensando neste contexto, os professores envolvidos com essas turmas devem se preparar para atender às expectativas de um público heterogêneo e com interesses e aspirações distintos dos estudantes da Educação Básica desenvolvida em faixas etárias infantis e juvenis regulares.

Dentre os alunos que fazem parte das turmas de EJA destacam-se aqueles que já desempenham alguma atividade remunerada, o aluno trabalhador. A educação para quem trabalha é um real desafio seja pela necessidade ou pelas dificuldades de frequentar as aulas e realizar as atividades. Além de alguns alunos não terem conseguido concluir ainda o Ensino Fundamental ou Médio, trabalham e conciliam as duas atividades com bastante esforço. Ao frequentar regularmente as aulas, esses alunos demonstram seu interesse, ou seja, mostrando que necessitam estudar para galgarem melhores condições de vida, se manterem, ou mesmo ajudarem suas famílias.

Considerando que a realidade de uma sala de aula é múltipla, o professor deve utilizar-se de recursos variados para conduzir um trabalho efetivo, provocador e de maior interesse dos alunos. Por isso, é preciso aproximar o Aluno da própria realidade, com base no seu cotidiano, pois, de acordo com Kaercher (2003), a Geografia se faz no dia a dia, na vivência e experimentação. O caminho é apoiar-se nos elementos provindos da experiência dos alunos como subsídios norteadores para a construção de novos conhecimentos.

O uso de mapas nas aulas de Geografia na EJA pode e deve ser estimulado, pois contribui no processo de ensino aprendizagem dos alunos, ajudando a compreender o mundo real a partir de figuras e da abstração. As atividades utilizando mapas na EJA permitem abordar aspectos do cotidiano dos alunos, de modo a facilitar a construção de temas como

escala, legendas, símbolos e orientação. Espera-se que com o uso de mapas os alunos da EJA possam adquirir familiaridade e utilizar de forma prática a variedade de recursos e linguagens usadas na representação de informações geográficas; Ao ensinar e aprender Geografia na EJA, deve-se considerar tanto o aluno quanto o professor como sujeitos ativos do processo, atuando como atores no palco repleto de complexidades advindas de múltiplas causas. A utilização de mapas surge como um cenário para o exercício dessas complexidades e desenvolvimento de métodos, saberes e habilidades.

Como a EJA é uma modalidade de Ensino Público que visa oferecer uma educação de qualidade para as pessoas que, por mais variados motivos, não tiveram a oportunidade de estudar na idade que seria destinada para este fim. O estudo teve como finalidade compreender e propor metodologias que visem o uso de mapas no Ensino de Geografia na EJA, com o intuito de contribuir com o processo de formação dos indivíduos. Dessa maneira, buscar fazer uma provocação sobre a importância dos mapas nas aulas de Geografia e como eles podem contribuir para a formação de cidadãos críticos e que conseguem se localizar no Mundo.

Segundo Binz (1993, p.17):

A aprendizagem do adulto se estabelece a partir da relação do conteúdo trabalhado pelo professor com aproveitamento deste conteúdo na sua vida prática, ...". O adulto visa crescimento imediato e é por isso que as abordagens devem estar vinculadas à realidade do aluno; o currículo não pode ser estático, mas atender o aluno em suas necessidades; devem ser consideradas as suas diferenças individuais, o seu ritmo de aprendizagem, a bagagem de conhecimento que traz consigo e suas experiências de vida. (BINZ, 1993, p.17).

Os mapas são uma importante ferramenta de trabalho a ser usada pelo Professor de Geografia em suas aulas e aos alunos, a fim de melhor compreenderem o conteúdo a ser visto. Nesse sentido, alguns alunos precisam ter contato com mapas para assimilar o conteúdo, exigindo que o professor disponha de variadas metodologias proporcionando diferentes maneiras de interpretação e incorporando à sua imaginação o fato de poder analisar de forma concreta, pois estarão em contato com o objeto de estudo, através dos mapas.

Ao conversar com uma professora que leciona Geografia para jovens, adultos e idosos, fui me interessando pelos relatos apresentados por ela sobre a forma com que ela ministra suas aulas e como os alunos interagem. Isso fez com que despertasse em mim a vontade de me aprofundar sobre o tema, especificamente sobre como o uso de mapas auxiliam para o desenvolvimento da prática didática. Daí a vontade de elaborar propostas



metodológicas de utilização de mapas em aulas de Geografia como as que apresento mais a frente, buscando envolver um leque de diversidades e possibilidades nas proposições.

2.1 Metodologia

A metodologia utilizada no presente estudo se construiu sobre dois pilares bem distintos, mas complementares, um amplo embasamento teórico, com revisão sobre o tema, suas abordagens, histórico e concepções. Seguida da listagem dos procedimentos de construção das propostas metodológicas de utilização de mapas nas aulas de Geografia na EJA, embasadas nas leituras realizadas. Essas duas etapas estão apresentadas a seguir:

2.1.1 Pressupostos Norteadores

Segundo Freire (2003), o professor deve comprometer-se metodologicamente em promover em seus alunos uma valorização da relação entre o indivíduo e o mundo que o cerca, proporcionando-lhes concomitantemente uma reflexão crítica. O pensamento crítico freireano contribui e bastante para que os educadores possam compreender o Mundo muito além das ideologias dominantes. Levando os alunos a pensar sobre um mundo real e diferentes possibilidades que esse mundo pode ter. Nesse contexto, o professor de Geografia passa a desenvolver o ato de “humanizar” por meio de seu trabalho educativo.

A proposta pedagógica freireana de educação libertadora alude ao compromisso com a transformação social dos indivíduos e sociedades. O professor de Geografia, quando criativo e aberto ao diálogo, pode conseguir resultados promissores nesse sentido no desenvolvimento de sua prática pedagógica. Nesse sentido, alunos devem ser levados a uma consequente reflexão sobre os aspectos socioeconômicos, históricos e culturais que os rodeiam.

Um educador, ao seguir os princípios freireanos, deve buscar melhorar a educação brasileira valorizando a participação coletiva almejando uma real educação libertadora, sendo o aluno o construtor de seu próprio desenvolvimento humano e educacional. Em uma visão e prática de construção de saberes e habilidades, ensinar Geografia exige amor, coragem e constante diálogo as coisas do Mundo.

Freire (2003, p.159) afirma que:

Para mim é impossível compreender o ensino sem o aprendizado e ambos sem o conhecimento. No processo de ensinar há o ato de saber por parte do professor. O professor tem que conhecer o conteúdo daquilo que ensina.



Então para que ele ou ela possa ensinar, ele ou ela tem primeiro que saber e, simultaneamente com o processo de ensinar, continuar a saber, por que o aluno, ao ser convidado a aprender aquilo que o professor ensina, realmente aprende quando é capaz de saber o conteúdo daquilo que lhe foi ensinado (FREIRE, 2003, p.159).

O professor de Geografia deve despir-se do elitismo e do autoritarismo e buscar caminhar sem limites rumo à concretização de uma educação libertadora (VESENTINI, 1889; CALLAI, 1999). Aquele educador que somente fala e não ouve está imobilizando o conhecimento e tentando transferir simultaneamente este para seus alunos ao invés de realmente ensiná-los (CASTROGIOVANNI, 2000). No processo educacional se ensina quando se aprende e vice e versa. Não se pode achar que os indivíduos possuem algum tipo de “mecanismo biológico” de acumulação repetida de informações sem que seja necessário refletir sobre o que se ouve e o que se interpreta do que foi apresentado.

Um exemplo sobre a necessidade de reflexão e construção no processo de ensino aprendizagem pode ser apresentado referente ao ato de ler, como apresenta Sotelo (2011):

A importância do ato de ler é na compreensão crítica deste ato, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (SOTELO, 2011, p.2).

Para Freire (2003, p.159) é importante que o professor tenha esperança, uma vez que os jovens e adultos se espelham nos professores, e com esperança pode se acreditar em uma mudança de direção para a vida e para o Mundo e para a sociedade. O autor cita uma história popular que fala de um passarinho viu um incêndio na floresta e correu para chamar os amigos para apagar o fogo, mas ninguém quis ir, então resolveu ir sozinho apagar o fogo, viu um rio e foi pegando água e jogando no fogo, certamente esse pássaro sabia que sozinho não poderia apagar toso o fogo, mas teve esperança que tomando a iniciativa talvez os outros pudessem acreditar que também seria capaz. Podemos comparar Paulo Freire a este passarinho, pois ele apenas deu início a essa forma de “pensar e agir na educação” e a cada dia pessoas se juntam a suas ideias e proposições a fim de transformar a Educação. Algo tão necessário na realidade brasileira na educação nos anos iniciais, fundamental e média.

Segundo as propostas freireanas, a alfabetização de adultos deve estar diretamente relacionada ao cotidiano do estudante trabalhador. Dessa forma, o adulto deve conhecer sua realidade para poder inserir-se de forma crítica e atuante na vida social e política. Nesse sentido, uma das importantes metas da Educação Popular deve ser a conscientização da população. Para Lopes e Sousa (2005, p. 11):

[...] proposta de Paulo Freire baseia-se na realidade do educando, levando-se em conta suas experiências, suas opiniões e sua história de vida. Esses dados devem ser organizados pelo educador, a fim de que as informações fornecidas por ele, o conteúdo preparado para as aulas, a metodologia e o material utilizados sejam compatíveis e adequados às realidades presentes. Educador e educandos devem caminhar juntos, interagindo durante todo o processo de alfabetização. É importante que o adulto alfabetizando compreenda o que está sendo ensinado e que saiba aplicar em sua vida o conteúdo aprendido na escola (LOPES; SOUSA, 2005, p. 11).

Visto que a maioria dos alunos de EJA são trabalhadores, a questão do trabalho na vida deles é fundamental para se compreenderem as relações nas quais estão inseridos. Para Santos (2008, p. 45 - 46), esta educação é mais uma forma de preparação de operários e para permanência do sistema capitalista:

Estamos aqui nos referindo ao processo de escolarização da classe trabalhadora, utilizando o conceito ampliado e atualizado de classe trabalhadora, porque a ela foi negada a possibilidade da educação escolar na infância e na adolescência. E esta é uma situação provocada pela sociedade de classes, uma vez que, sabemos, a estrutura desigual tem condicionado as políticas oficiais a sempre beneficiarem aqueles setores mais privilegiados da sociedade, aqueles que não precisam se lançar ao mundo do trabalho desde cedo para assegurar sua própria sobrevivência e a de sua família (SANTOS, 2008, p. 45 - 46).

Paulo Freire foi um educador filósofo que atuou na educação de forma revolucionária. Suas ideias não foram somente aceitas no Brasil, mas também em diversos outros países. Toda sua trajetória política e pedagógica é digna de inspiração para os Educadores Brasileiros como os professores de Geografia. É nesse sentido que as ideias e fazeres propostos por Freire, ao longo de seus livros e relatos, foram a fonte de inspiração e também pensamento norteador nas proposições metodológicas utilizando mapas na EJA apresentadas mais adiante.

2.1.1.1 A EJA, história, legislação e desafios

A educação de Jovens e Adultos no Brasil é uma das ações mais antigas desta sociedade, pois no período de colonização já se inicia as primeiras experiências educacionais, isso ocorre com a vinda dos jesuítas que acabaram por catequisar os índios, nesse período alguns índios aprenderam a falar, escrever e a praticar as crenças dos colonizadores.

Mais diante da história, a família Real se instaura no Brasil, isso por volta de 1808, e como consequência desta vinda surgiu à necessidade de se ter trabalhadores com certas habilidades para atender a corte.

[...] ocorreu à necessidade de ofertar mais escolas para o público local. A partir desta época foi implantado o processo de escolarização de adultos com o propósito que estes mesmos pudessem exercer o trabalho serviçal, servindo a realeza e também acatar as ordens, cumprir tarefas impostas pelo Estado. (RIBEIRO; SILVA; SILVA, 2016, p.17)

Entre 1854-1874 no Brasil aprimora o ensino de Jovens e Adultos, com a criação da 1ª Escola do Brasil que tinha por ideia alfabetizar os trabalhadores que não sabiam ler e escrever. Essas escolas eram implementadas com muita rapidez, no período de transição Império-República (1887-1897). No discurso de disseminação desse modelo de Escola, “a educação” foi vista como salvadora dos problemas da Nação. Neste período iniciaram-se várias mobilizações em prol da Educação, por exemplo, condições didáticas, pedagógicas e ampliação da rede escolar. Também surgiram as ligas contra o analfabetismo”. (RIBEIRO; SILVA; SILVA, 2016, p.17).

Quadro 01- Marcos histórico da consolidação da política da EJA

Ano	Avanço na educação
1934	Criação do Plano Nacional de Educação: Garantia o ensino primário integral obrigatório e gratuito estendido às pessoas adultas.
1940	O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI); A criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacional Anísio Teixeira (INEP).
1946	Lei Orgânica do Ensino Primário trazia o incentivo ao ensino supletivo na lei se tinha um programa com a finalidade de reestruturar os trabalhos dos planos do ensino supletivo para adolescentes e adultos analfabetos.
1947	Serviço de Educação de Adultos (SEA), programa desenvolvido para atender as pessoas adultas.
1960	Período de surgimento de grandes levantes pela educação como: a criação do Movimento de Educação de Base, Movimento de Cultura Popular do Recife, Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler.
1990	Lançamento do Programa de Alfabetização e Cidadania (PNAC), no governo Fernando Collor de Mello; Lei de Diretrizes e Bases da Educação reafirmou a institucionalização da modalidade EJA, retirando o nome supletivo.

Fonte: (RIBEIRO; SILVA; SILVA, 2016, p.17-23)

No período do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, já no Século XX, se apresenta um novo cenário para educação de Jovens e Adultos, aconteceu à implementação de novos programas nessa modalidade como (Brasil Alfabetizado, Projovem, o Programa da Integração da Educação Profissional para Jovens e Adultos- PROEJA) a qual resultou num número maior de beneficiados melhorando e integrando os Jovens e Adultos em processos de alfabetização.

O que se observa é que até 2015 os matriculados no EJA eram apenas 0,1 de um total de discentes entre 15 a 17 anos, o que é pouco pela quantidade de jovens e adultos que se tem fora da Escola no País. Outra situação é que quando estes estão matriculados existem alguns desafios para sua permanência na escola, e segundo (IBGE/PNAD) em 2015 no Brasil tinha 13,1 milhões de analfabetos.

Além do número de analfabetos, quando estes indivíduos conseguem ingressar na Escola, surge muitos desafios, o primeiro é evasão escolar, efeito de questões sociais e econômicas de um país desigual. Segundo Pinheiro (2015, p.21), “A evasão inviabiliza a concretização de qualquer iniciativa no sentido da universalização da aprendizagem da leitura e da escrita, em qualquer programa que as diferentes instâncias administrativas venham a oferecer”. Essa evasão diz respeito a vários fatores, o primeiro é a história do próprio discente, que já vem, muitas vezes, para o âmbito escolar desmotivado. Outro complicador é a forma como a Escola prepara seu plano de ensino, muitas vezes, sem considerar e atender a realidade da comunidade a ser atendida.

A escola precisa ficar atenta a questões como segurança, acesso, horários, ausência de professores para o EJA, falta de material de didático, e principalmente como tem acontecido à formação que deve ser continuada e se tem atendido a demanda dos discentes. Uma educação geográfica, onde o aluno aprende a ler o mundo de forma crítica e com base nas categorias geográficas, deve ser construída de forma diversa e estimulante (SUERTEGARAI, 2000)

A evasão escolar tem a ver “com a forma como a escola organiza seus métodos para que a apropriação da escrita e da leitura se dê de maneira crítica e participativa” (PINHEIRO, 2015, p.21). Entende-se então que a evasão escolar acaba por ser uma situação que requer atenção para que a escola possa intervir de forma a garantir este discente em sala de aula.

Mais afinal que educação é essa, a EJA? Essa modalidade de ensino diz respeito ao uma educação a jovens e adultos, que por diversos motivos não conseguiram estudar ou que não conseguiram concluir todas as modalidades de ensino regular, assim de acordo com Lei de Diretrizes de Bases (LDB) 9.394/96 se garante o direito desta população ao acesso a uma educação de qualidade e forma gratuita.



De 2015 a 2017 foram estabelecidos metas de crescimento e de investimentos para o programa Brasil Alfabetizado, com um público acima 15 anos, adultos e idosos, a proposta era atender 250 mil pessoas, programa este que está em andamento, o que se tem analisado em relação ao EJA é que muito já se construiu de experiências práticas, mas existem aspectos que devem ser mais bem discutido entre a sociedade, no diz ao modo de ver e de perceber esta modalidade de ensino.

2.1.1.2 O uso de mapas nas aulas de Geografia

A Cartografia é uma das ciências mais antigas da humanidade, foi a partir da técnica empreendida para a construção de mapas que se deu alguns dos processos de desenvolvimento da Humanidade, sendo possível descobrir novos mundos, mapear as localidades, dar sentido aos espaços construídos pelo Homem. Assim, os mapas se constituem em imagens que representam diferentes realidades e espaços, apresentam características dos lugares, dos territórios, das paisagens e do próprio espaço geográfico.

O uso dos mapas nas aulas de Geografia constitui uma ferramenta essencial no processo de ensino e aprendizagem, pois proporciona ao discente entender sua realidade, além de perceber as transformações ocorridas ao longo dos anos da sua localidade, do seu Município, do Estado e País no Mundo.

[...] os mapas no ambiente escolar podem guardar fragmentos importantes da relação: parte – todo (pensamento complexo). Mesmo se vistos apenas como resultados independentes, os desenhos e mapas refletem o cultural. Os alunos fazem parte de uma estrutura organizada (a sociedade), com leis próprias, ou seja, temos um pensamento autônomo, porém, relacionado aos meios exteriores. (SILVA, 2013, p.86).

Pode-se afirmar que as imagens acabam por ser um recurso valioso no que se diz respeito às ferramentas didáticas pedagógicas no Ensino da Geografia, principalmente no EJA, pois as imagens são fáceis de lidar, quando o professor consegue relacionar as categorias geográficas para a realidade dos discentes, o aprendizado fica mais prazeroso e eficiente. Para Silva (2013), “as imagens constituem-se em instrumentos didáticos preciosos para o desenvolvimento de processos de ensino-aprendizagem [...] na Geografia, mais que em qualquer outra disciplina escolar, o uso das imagens é indispensável”. Os mapas além de serem imagens que retratam o espaço geográfico, elas tendem a demonstrar como é a realidade do discente em sua comunidade.



A partir dos mapas o professor de Geografia tem a possibilidade de apresentar e discutir as categorias geográficas a partir da abstração, trazendo o objeto que está longe para a sala de aula, transformando centenas de quilômetros de geografias diversas em poucos centímetros que estão ali ao alcance dos olhos, das mãos e dos sentidos dos alunos.

2.1.1.3 Os desafios de se trabalhar os mapas na sala de aula.

Os mapas são instrumentos valiosos no ensino e aprendizado dos discentes, na EJA não seria diferente, o professor pode e deve possibilitar uma tarefa prazerosa e com bons resultados de aprendizagem ao trabalhar mapas. Mas existem alguns desafios a se superar ao tratar deste conteúdo que para muitos é uma temática difícil, a primeira questão levantada aqui é como se deve apresentar este conhecimento.

Corteno (2014) pontua que os mapas, enquanto instrumento pedagógico, faz-se necessário nas aulas de Geografia, mas deve ser trabalhado de forma que os alunos não apenas vejam o mapa como uma mera ‘ilustração’ do planeta, da cidade ou do bairro. É preciso que o professor se desafie a construir formas de ensino que valorize a realidade do discente, e que apenas faça a confecção de mapas e não ensine o essencial, ou seja, é preciso que o professor ensine a interpretar os mapas dando significados a imagem.

E ao trabalhar no EJA, esta aproximação com a realidade é importante, pois vai transformar a percepção do discente, de algo difícil de aprender com algo fácil, porque trata de sua realidade, claro que é importante começar com a realidade do discente, mais tendo em vista que é preciso buscar o entendimento da leitura de mapas nas dimensões (micro e macro), assim teremos uma concepção holística da interpretação de mapas, pois ela é fundamental nas atividades desenvolvidas pela sociedade (OLIVEIRA, 2010).

Os desafios podem ser superados, pois o professor tem o mapa e ele é uma ferramenta que pode ser apresentada para os discentes de forma a atender a sua realidade, assim o professor deve e pode transformar o conteúdo da cartografia em aulas dinâmicas e adaptadas para os seus discentes. Assim (CORTERNO, 2014, p.18) aponta que a aprendizagem sobre mapas na escola deve ser gradativa respeitando capacidade de cada aluno, e com a introdução de tecnologias nos ambientes escolares, os alunos deixam de contar apenas com mapas e atlas impressos passam a contar com alternativas como os mapas digitais.

2.1.2 Procedimentos operacionais



Após a revisão bibliográfica se deu a escolha dos mapas e construção das propostas metodológicas de inserção dos mesmos em aulas de Geografia. Optou-se pela escolha de cinco mapas para discutir as categorias geográficas, espaço, região, paisagem, território e lugar. As propostas foram pensadas para turmas do 1º Ano do Ensino Médio na EJA.

As propostas de aulas utilizando mapas foram construídas com a utilização de planos de aula, uma vez que constituem instrumento comum na prática docente nas escolas. O foco foi inserir, como instrumento pedagógico na metodologia proposta, mapas que dialoguem com o cotidiano dos alunos. Nesse momento, optou-se por utilizar mapas do Estado de Alagoas, uma vez que o estudo está sendo realizado no mesmo, bem como, os alunos e professores cujo interesse de atingir com futuras aplicações são do Estado.

As propostas de utilização desses mapas nas aulas de Geografia do 1º Ano do Ensino Médio do EJA estão dispostas no item a seguir, resultados, onde organizou-se uma sequência lógica de apresentação das categorias geográficas, com vistas a facilitar o processo ensino aprendizagem.

2.2 Resultados e Discussão

Os resultados e discussões apresentados a seguir serão propostas metodológicas do uso de mapas nas aulas de geografia, para a Educação de Jovens e Adultos, utilizando mapas sobre: espaço geográfico, regiões, paisagens, território e sobre o lugar e as pessoas. Desse modo, esse momento da pesquisa é onde apresentarei as informações propostas durante todo o percurso teórico até aqui, com a intenção de atender aos objetivos propostos. Dito isto, estão organizados nesses dois itens que serão apresentados logo abaixo.

2.2.1 Pressupostos norteadores

O Ensino de Geografia exige inovação quanto à prática pedagógica, o professor deve valorizar seus alunos tratando-os com igualdade e não abrindo mão da construção destes como sujeitos autônomos libertos de qualquer tipo de autoritarismo ou opressão. Isso significa renunciar a uma série de práticas de ensino tradicionais e de uso cotidiano nas escolas País a fora. Sair da zona de conforto, inovando e valorizando os alunos como sujeitos ativos no

processo educacional nem sempre é uma atitude fácil, daí o desafio de se reinventar como professor e mais profundamente como educador.

A prática pedagógica é a ação e reflexão dos educadores em busca da transformação educacional. O diálogo entre os sujeitos “ensinantes” e “ensinados” é essencial para alcançar resultados satisfatórios na prática educativa. O professor de Geografia deve compreender os aspectos culturais como formadores do sujeito histórico e transformador dos alunos.

Romper com determinadas práticas e fazeres tradicionais não significa promover um espaço sem regras ou limites. O professor tem que impor certo ritmo e limites sim, sempre respeitando a autonomia e promovendo um espaço de interação e construção entre os alunos. O Ensino de Geografia necessita de atenção e disciplina para ensinar, frente à necessidade de abstração e diversidade de conceitos e temas que podem ser trabalhados, prender a atenção e incluir os alunos nem sempre é tarefa fácil. Em contra partida, os docentes e discentes devem ser indivíduos inquietos, questionadores, curiosos e exímios pesquisadores.

O Ensino de Geografia, especialmente na EJA, precisa saber respeitar os saberes provindos da história pessoal e coletiva, dando realce à identidade desses alunos que, socialmente, sofrem o efeito da “exclusão educacional”. Ao ensinar e aprender Geografia na EJA deve-se considerar tanto o Aluno quanto o Professor como sujeitos ativos do processo, atuando como atores no palco repleto de complexidades advindas de múltiplas causas. Cavalcanti (2002) reforça que, nesse processo, é fundamental que o professor se utilize dos conceitos geográficos que eles próprios dispõem para a construção dos saberes geográficos.

Na EJA, o conhecimento e as vivências do aluno devem ser alicerce para a construção do saber. É imprescindível que o professor considere a baixa autoestima provocada pelo preconceito e pela discriminação vivenciados pelo aluno em seu cotidiano social e, em muitos casos, profissional. Por isso, é fundamental que o Professor ofereça oportunidade para que, através de suas falas, eles possam expor experiências, saberes e vivências de seus cotidianos, sem com isso fugir do arcabouço teórico e conceitual.

2.2.2 Planos de aulas utilizando os mapas

2.2.2.1 Espaço Geográfico

TEMA DA AULA OU TÍTULO: O Estado de Alagoas

TURMA: 1º Ano do Ensino Médio



2.2.2.2 Regiões

TEMA DA AULA OU TÍTULO: As Regiões Metropolitanas de Alagoas

TURMA: 1º Ano do Ensino Médio

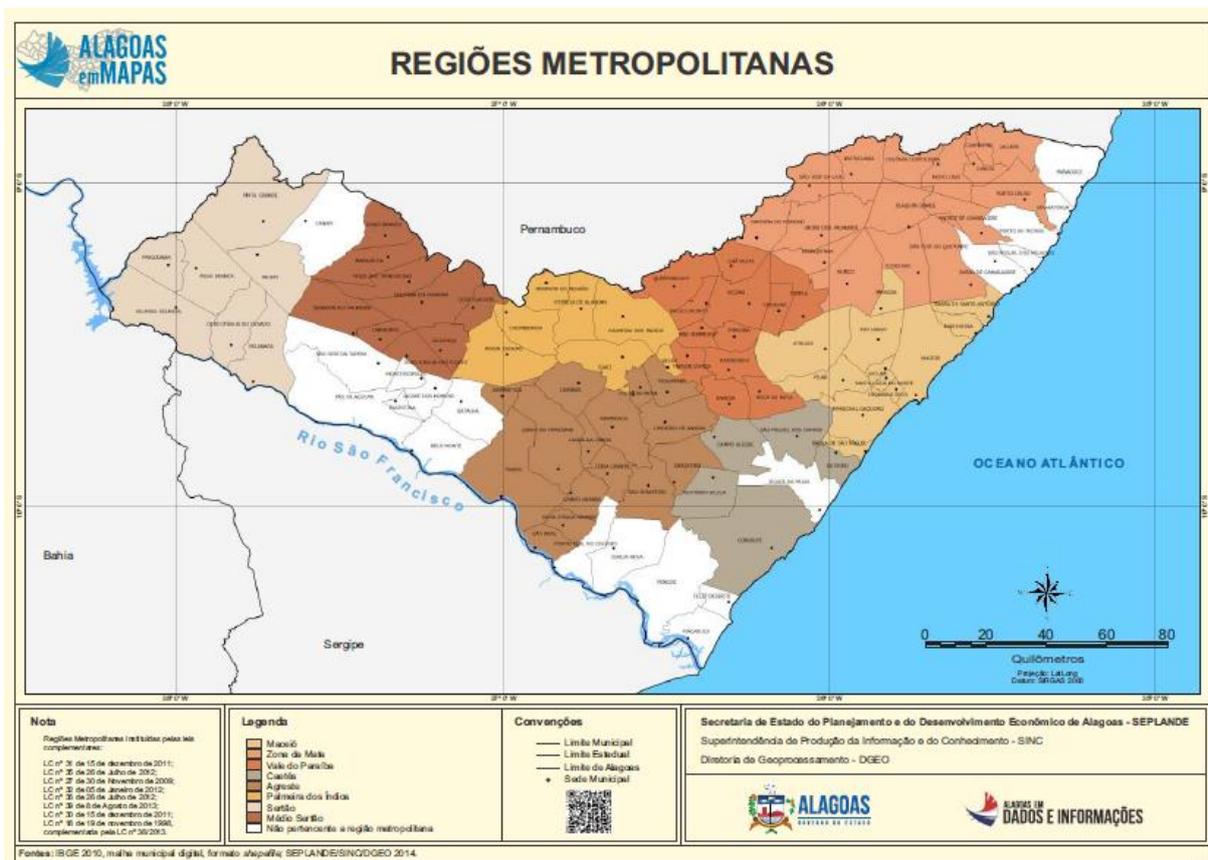
DURAÇÃO: 50 Minutos

CONTEÚDO: As regiões de Alagoas

OBJETIVO DA APRENDIZAGEM: Identificar as regiões metropolitanas do Estado de Alagoas, e suas características climáticas, econômicas, sociais e de infraestrutura.

METODOLOGIA: Inicialmente, faz uma abordagem sobre o tema da aula, de forma expositiva, contextualizando o tema e em seguida através do mapa faz a apreciação do que foi falado, identificando no mapa as áreas metropolitanas e suas contribuições para o desenvolvimento do estado.

RECURSOS: Uso do mapa Regiões Metropolitanas do Estado de Alagoas, através de cópias entregues aos alunos.



AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: Verificação da aprendizagem através do desempenho oral, escrito e participativo do aluno em sala de aula.

2.2.2.3 As paisagens

TEMA DA AULA OU TÍTULO: As paisagens naturais de Alagoas

TURMA: 1º Ano do Ensino Médio

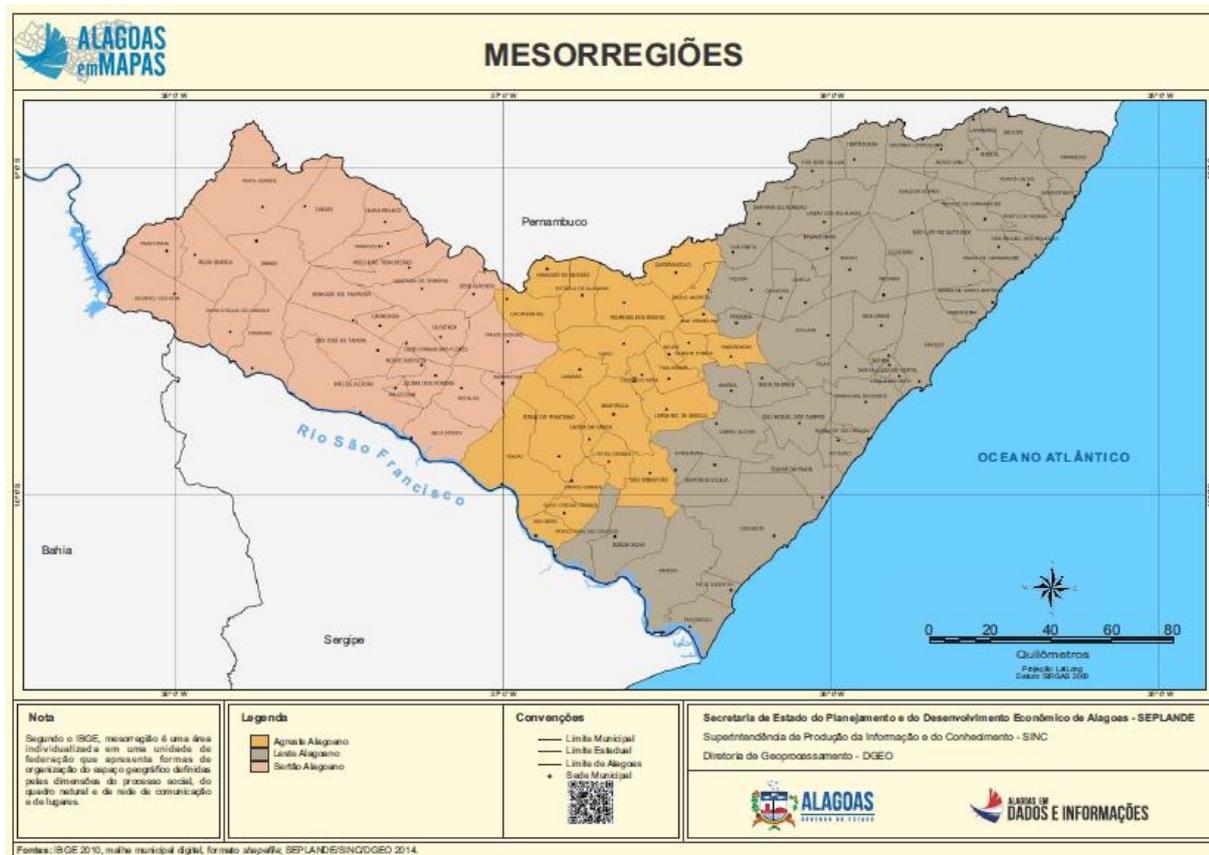
DURAÇÃO: 50 Minutos

CONTEÚDO: As regiões de Alagoas

OBJETIVO DA APRENDIZAGEM: Identificar a organização do espaço geográfico definidas pelas dimensões do processo social, do quadro natural e da rede de comunicação e de lugares.

METODOLOGIA: Contextualizar o processo de organização das mesorregiões do estado de alagoas de forma expositiva, em seguida fazer a identificação através do mapa proposto do Leste, Agreste e Sertão de Alagoas, que são as três áreas de Mesorregião. Também será possível nessa aula, o uso de imagens do Google Earth e Google Maps, para indicar e explorar as paisagens naturais e artificiais representativas de cada área/região.

RECURSOS: Mapa da Mesorregiões do Estado de Alagoas, exposto através de um Data Show e texto expositivo sobre o assunto.



AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: Será verificado a participação do aluno na aula.

2.2.2.4 Os Territórios

TEMA DA AULA OU TÍTULO: Gestão territorial em Alagoas

TURMA: 1º Ano do Ensino Médio

DURAÇÃO: 50 Minutos

CONTEÚDO: As regiões de Alagoas

OBJETIVO DA APRENDIZAGEM: Identificar a divisão regional do Estado de Alagoas para fins de planejamento e formulação dos Planos Plurianuais e Orçamentos Anuais.

METODOLOGIA: Inicia-se com a contextualização do assunto da aula, explanando sobre o que é região, e contextualizando com a proposta do mapa. Em seguida caracterizar cada região identificada no mapa, através de suas informações específicas e suas interferências, no contexto socioeconômico do estado de Alagoas. Por fim, pedi a turma que se dividam em equipes, sendo que cada equipe fique com uma região específica do estado, e façam um estudo aprofundado com pesquisas, desenhos, confecção de cartazes e os demais recursos que achar necessário, e façam a caracterização detalhada de cada região e seus impactos no desenvolvimento do estado, e ser apresentado para turma numa próxima aula.

RECURSOS: Através do Mapa Regiões de Planejamento, exposto através de um data show, explanar sobre o assunto. Também será confeccionado cartaz, pesquisas na internet e em livros.



AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: Valorização do saber do aluno, desempenho oral do aluno em sala, investigação, participação em trabalhos de grupo, atenção dos alunos aos assuntos de estudo.

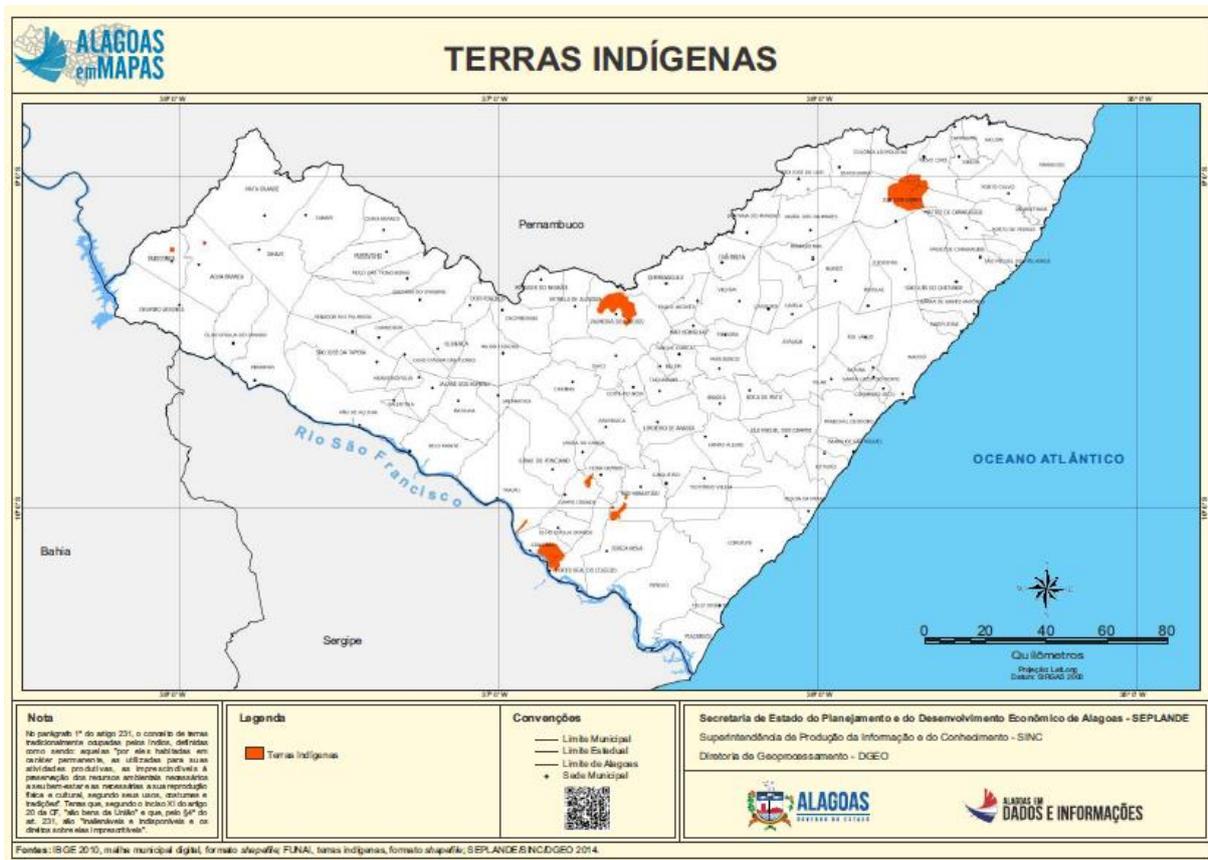
2.2.2.5 O lugar e as pessoas

TEMA DA AULA OU TÍTULO: A resistência das comunidades indígenas em Alagoas

TURMA: 1º Ano do Ensino Médio

DURAÇÃO: 50 Minutos

CONTEÚDO: As regiões de Alagoas



AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: Participação na discussão em sala de aula e nas atividades.

OBJETIVO DA APRENDIZAGEM: Fazer a identificação e reconhecimento das terras indígenas do estado de Alagoas, evidenciando seu resgate cultural e suas tradições.

METODOLOGIA: Com a sala organizada em círculo, comente que irão discutir a importância das áreas demarcadas para a manutenção da cultura/identidade do povo indígena. Mostre o mapa de distribuição das terras indígenas no estado de Alagoas, explique sobre

SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação) um dos órgãos da união que fazem a conservação dessas regiões para manter sua sustentabilidade.

RECURSOS: Nessa aula será utilizada o mapa Terras Indígenas do estado de Alagoas, apresentado em data show para melhor visualização.

3 Considerações Finais

Diante do exposto ao longo do texto, foi possível perceber o quão importante é a modalidade de ensino da EJA. Compreende-se que essa modalidade é tão importante quanto as demais, e que a sensibilidade dos professores em protagonizar aulas que estimulem o aprendizado do aluno, a partir da inserção da realidade nos assuntos estudados em sala de aula, é uma forma de instigar o interesse do aluno pela aula, sendo assim, um método possível para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem do aluno da EJA.

Sabendo de todas as adversidades que os alunos da EJA passam até chegar na escola, compreender os conteúdos das aulas se torna um grande desafio, por isso que me dediquei em propor esse trabalho, para que seja relevante a sociedade de interesse as ideias sugeridas aqui, para poder oportunizar aulas mais atrativas. O uso de mapas nas aulas de geografia muitas vezes passa despercebidos diante a falta de costume de explorar o uso dele, por falta de tempo ou pôr os alunos não demonstrarem o interesse por aquele momento da aula.

Diante disso, os mapas sugeridos neste trabalho foram referentes ao estado de Alagoas, com temas relevantes e com sugestões que podem ser adaptadas a qualquer um outro estado. Trazendo esses mapas locais, proporciona uma abordagem mais realista do dia a dia dos alunos, possibilitando o entendimento mais ágil do conteúdo ministrado, onde poderão contribuir com seus conhecimentos prévios, que são de grande importância para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

Portanto, o presente artigo trouxe essa finalidade, de proporcionar a utilização de mapas nas aulas de Geografia na EJA, o que ficou evidenciado através das propostas apresentados no texto. Oportunizando aos docentes, estratégias do uso de mapas nas aulas de geografia, de forma objetiva, prática e realista ao cotidiano do aluno. Nessa perspectiva evidencia-se que o objetivo desse trabalho foi atingido, diante do que foi proposto, por consequência da metodologia do trabalho, que aconteceu de forma articulada a teoria com a prática, atendendo assim a finalidade do trabalho.

Este trabalho teve como avanço o estudo sobre o uso de mapas nas aulas de geografia, contribuindo para a discussão dessa temática no ciclo acadêmico. Mesmo diante de algumas limitações como por exemplo a falta de material de apoio que abordasse essa linha de pesquisa para embasamento teórico, e por se tratar de uma temática inovadora recomenda-se a apreciação desse material para fins acadêmicos, pedagógicos e científicos, afim de auxiliar o pesquisador.

Contudo, este trabalho foi bastante significativo, pois todo planejamento feito foi realizado em cada etapa. É importante dizer que cada proposta metodológica realizada aqui com os mapas pode e deve ser adaptada a realidade da turma. Para isto é necessário que o professor que atua na EJA seja um profissional inovador, que goste de oportunizar aulas atrativas para seus alunos, despertando o interesse e a vontade de querer aprender.

Referências

ARAUJO, Jose Carlos Souza. Do quadro negro à lousa virtual: técnicas, tecnologia e tecnicismo. In VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.) Técnicas de ensino: Novos tempos, novas configurações. Campinas: Papirus, 2006. (p. 13-48)

BINZ, Jussara Ferreira. **O ensino supletivo no Rio Grande do Sul: um estudo introdutório sobre seus fundamentos, funções e características.** In.: Educação para crescer: educação de jovens e adultos: reflexões sobre o contexto teórico-prático. Porto Alegre: Governo do Estado, 1993, p.15-19

CALLAI, H. C. A formação do profissional da Geografia. Ijuí: Editora Unijuí, 1999. 80p.

CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 11-22.

CORTERNO. Lucy. A importância dos mapas enquanto instrumento pedagógico nas aulas de geografia. (especialização em educação: métodos e técnicas de ensino) PA/Medianeira, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P.R.N. Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis. São Paulo: Editora da UNESP, 2003. 416p.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Situação educacional: Analfabetismo Relatório de 2015. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>. Acesso em 10 de agosto de 2020.



LOPES, Selva Paraguassu; SOUZA, Luzia Silva. EJA: uma educação possível ou mera utopia? Revista Alfabetização Solidária (Alfasol), São Paulo, v. 5, 2005. Disponível em: Acesso em: Jun. de 2020 tecnicismo.

OLIVEIRA, Livia de. Estudo metodológico e cognitivo do mapa. Tese (doutorado) – IGEOG – USP. São Paulo, 1978 Contexto, 2010.

PINHEIRO, Evandro Rogerio da Silva. Educação de jovens e adultos: realidade atual da situação educacional da EJA. (Trabalho de Conclusão do curso de Pedagogia apresentado à Universidade Federal Rural da Amazônia). Igarapé-Açu/PA, 2015.

RIBEIRO, Célia. P. L; SILVA, Cristina. R; SILVA, Suzana Maria.S.F. Educação de jovens e adultos: um olhar para o retorno dos discentes ao processo de escolarização. Monografia (graduação em pedagogia), UFPB/CE - João Pessoa-PB, 2016.

SANTOS, Clézio. Desenhos e mapas no ensino de geografia: a linguagem visual que não é vista. Revista: Geograficidade | v.3, Número Especial, Primavera, 2013.

SUERTEGARAY, D.; HEIDRICH, A.; REGO, N. (Orgs.) Geografia e Educação Geração de Ambiências. Porto Alegre: UFRGS, 2000: 123 p.7

VESENTINI, J. W. (Org.). Geografia e Ensino – textos críticos. Campinas: Papyrus, 1989. 200p.

Agradecimentos

A Deus, pela minha vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados durante todos os meus anos de estudo.

Ao meu orientador Bruno Ferreira, por toda paciência, por todos conselhos, e correções que me permitiram um melhor desempenho no processo de desenvolvimento do trabalho.

A banca examinadora por toda contribuição a este trabalho.

Aos meus pais e irmãos, por todo apoio, por estarem sempre me encorajando a não desistir de concluir o curso.

Ao meu esposo Wellington Clemente, por toda paciência, apoio e carinho me dado desde o início da graduação até este momento.

As minhas amigas de infância Tayse Santos e Emanuela Marques pelos votos sinceros de felicidade, desde minha aprovação até a conclusão desta etapa. Enfim, a todos que torceram pelo sucesso dessa caminhada. Nos méritos desta conquista, há cada um de vocês.

Obrigada por tudo!

